



**e-Spania**

Revue interdisciplinaire d'études hispaniques  
médiévales et modernes

**42 | juin 2022**

**Las reinas en las crónicas / Historiografia universal na  
Ibéria dos séculos XII a XV / Journées Cervantines**

---

## Escrita do Tempo, Escrita do Mundo: historiografia universal na Ibéria dos séculos XII a XV

**Maria do Rosário Ferreira, Joana Gomes e Mariana Leite**

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/e-spania/45335>

DOI: 10.4000/e-spania.45335

ISSN: 1951-6169

### Editora

Civilisations et Littératures d'Espagne et d'Amérique du Moyen Âge aux Lumières (CLEA) - Paris  
Sorbonne

Este documento é oferecido por Faculdade de Letras da Universidade do Porto



### Refêrencia eletrónica

Maria do Rosário Ferreira, Joana Gomes e Mariana Leite, «Escrita do Tempo, Escrita do Mundo: historiografia universal na Ibéria dos séculos XII a XV», *e-Spania* [Online], 42 | juin 2022, posto online no dia 24 junho 2022, consultado o 10 novembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/e-spania/45335> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.45335>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC-ND 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

---

# Escrita do Tempo, Escrita do Mundo: historiografia universal na Ibéria dos séculos XII a XV

Maria do Rosário Ferreira, Joana Gomes e Mariana Leite

---

- 1 A escrita da História na Idade Média ficou marcada de forma indelével pela ideia de que os conceitos fundamentais e totalizadores de tempo e de mundo se articulavam necessariamente na representação e explicação do percurso da Humanidade, conferindo-lhe estrutura e sentido.
- 2 Na verdade, a noção de tempo como suporte de um discurso coerente e unificador sobre a continuidade de acontecimentos históricos cujo âmbito transcendia um dado território geográfica ou politicamente definido, emerge muito antes. Encontramo-la já no *Antigo Testamento*, interpretada enquanto entidade cronológico-genealógica particular por um povo que construiu e mantinha a sua identidade através de uma memória escrita que não dependia do exercício de um poder territorial efectivo. A temporalidade enquanto sucessão de gerações viria a tornar-se herança comum das religiões dependentes da Bíblia, reflectindo-se nas concepções historiográficas de judeus, cristãos e muçulmanos. O fio da história ficava assim traçado, com os seus marcadores específicos que começavam com a Criação, evoluindo depois para um devir cuja estrutura fundamental era genealógica. A complementação dessa temporalidade com séries de acontecimentos que lhe eram identitária e politicamente alheios encontrava-se facilitada pela vivência do povo judaico, em contacto sucessivo com os poderes de Norte a Sul.
- 3 A narrativa historiográfica de pendor universalizante que, em Latim e vernáculos vários, floresceu por toda a Europa e Mediterrâneo ao longo da Idade Média, mergulha as suas raízes na Antiguidade tardia, momento em que o cristianismo e a sua tradição discursiva se tornam dominantes nessas geografias. É preciso não esquecer, porém, que antes mesmo de Eusébio de Cesareia e S. Jerónimo, nos séculos IV e V, terem assumido a história judaica e cristã como eixo temporal articulador de um corpo abarcante e integrado de acontecimentos transmitidos por fontes diversas, já os livros proféticos do

*Antigo Testamento* haviam dado testemunho de um entendimento do passado marcado pela emergência e queda dos impérios, resultando numa temporalidade que abarcava o conjunto dos poderes universais. Os autores dos *Chronici Canones* são, contudo, os primeiros a ensaiar a compatibilização, quer das fontes gregas e romanas entre si, quer da informação nelas contida sobre os grandes poderes mediterrânicos do passado, com os livros histórico-proféticos da *Bíblia*.

- 4 Nos singulares escritos medievais devedores dessa tradição historiográfica, desenrolava-se a sucessão dos tempos, sob a forma de impérios ou dinastias, que se opunham ou se entrecruzavam, traçando, no seu movimento, o destino Humano, e sendo o ponto de partida para previsões do futuro marcadas por escatologias várias, capazes de autorizar outras tantas visões do mundo e da respectiva relação com o devir. Na realidade, a história bíblica estava em grande medida moldada por conceitos de previsibilidade escatológica – sinal do convívio entre o pensamento judaico e a filosofia grega –, o que não deixou de provocar reacções de recuo face ao espírito de integração dos acontecimentos históricos predominante nos escritos fundacionais de Eusébio e Jerónimo. Tal sucedeu com o pensamento de Santo Agostinho, que ao substituir os impérios pelas idades, reformula em sentido estrito a noção de tempo histórico, conferindo-lhe uma dimensão exclusivamente bíblica e cristã.
- 5 A escrita do tempo no mundo, e do mundo no tempo, expandiu-se assim por uma grande variedade de meios culturais e políticos, instituindo-se como instrumento indispensável na legitimação de projectos de poder de âmbito territorial mais ou menos amplo, bem como na afirmação de comunidades e modos de vida diversos. Como qualquer discurso sobre o passado, esta modalidade cronística constrói uma memória que não é independente do contexto cultural, social e político onde é produzida, e veicula uma mundividência em conformidade com os seus autores ou promotores. Escrever uma história que narre o mundo, desde a Criação até ao presente da redacção, é sempre inscrever o mundo no tempo, ou melhor, reescrever o mundo como produto do tempo.
- 6 Compatibilizando, adaptando, ampliando e desdobrando em direcção ao presente as grandes tradições de representação do passado que marcavam o pensamento medieval, a matéria historiográfica universal deu origem a obras que se afirmaram como género autónomo. Não apenas a essas, porém, pois foi igualmente fonte de crónicas locais ou particulares. Por outro lado, ao congregar matérias e tradições narrativas distintas, as obras historiográficas de cariz universal tornaram-se num repositório do conhecimento (historiográfico, literário, geográfico, religioso, entre outros) que era reconhecido e estava disponível no período e na comunidade em que foram elaboradas, podendo chegar a adquirir uma dimensão e uma função enciclopédicas. O seu estatuto totalizador propiciou, por vezes, num sentido inverso, que estas obras fossem fragmentadas e usadas como base textual para apropriações particularizantes, nas quais ganhava relevo uma dada matéria, em particular as matérias bíblica ou antiga.
- 7 As culturas ibéricas medievais não ficaram indiferentes a este generalizado impacto da historiografia universal, como se pode verificar pela recepção, produção e circulação, em várias línguas, de textos afiliados de forma mais ou menos próxima à perspectiva e às matérias tratadas nesse género cronístico, como é o caso do *Liber Regum*, nas suas várias versões, ou da alfonsina *General Estoria*. Os estudos aqui reunidos visam contribuir para a elucidação da forma e dos sentidos com que este género historiográfico foi recebido e reformulado na Península Ibérica – sobretudo, nos

territórios centro-ocidentais –, pondo os textos peninsulares em confronto com idênticas iniciativas de escrita produzidas em contextos linguísticos e políticos distintos.